

acontecer migratorio

Niños indocumentados no acompañados en Estados Unidos

Sumario

Vol. 41 N° 10 - octubre 2018


Misioneros de San Carlos
Scalabrinianos
Provincia San Carlos Borromeo


CENTRO DE ESTUDIOS DE PASTORAL
Y ASISTENCIA MIGRATORIA

3 Editorial

4 Xenofobia:

tensão, conflito, rejeição, intransigência e rechaço

Director:

P. MAURIZIO PONTIN, c.s.

6 ¿Seguridad del Estado o seguridad de los refugiados?

«Principle of non-Refoulement»

Subdirector

P. ANGELO PLODARI, c.s.

8 Cerca de 1.500 refugiados y desplazados sirios

regresan a sus hogares

Coordinadora Editorial:

CRISTINA CASTILLO C.

10 La Trata de Personas

en la Semana Nacional de Migrante

Redacción, Diseño, Diagramación:

Attikós Editores

12 Venezuela es el segundo país con mayor flujo de migrantes

en 2017, según la ONU

Dirección:

**Calle 56bis # 35-47
Bogotá, COLOMBIA**

14 Niños indocumentados no acompañados en Estados Unidos

“vulnerables a la trata de personas, la explotación y el abuso”

Teléfono:

(57 1) 791 4773

16 Doble celebración del Apostolado del Mar

19a Semana Marítima Nacional
23° Día Nacional de la Gente de Mar

e-mail:

cepmcaracas@gmail.com

18 P. Leonir Chiarello, c.s.

Nuevo Superior General de los Misioneros Scalabrinianos

 @CepamCaracas
 Cepam Caracas

*Las opiniones expresadas en los
artículos de esta revista son de
responsabilidad de cada uno de los
autores*

22 San Carlos Borromeo

P. Redovino Rizzardo, c.s.

Portada: Campamento Tornillo
Foto: Mike Blake / Reuters

Los avatares de la movilidad humana forzada nos llevan de la sorpresa al desencanto. Nos acercamos al final de otro año; otro año en que las expectativas por un mundo de equidad, nuevamente se escapan como arena entre los dedos...

La xenofobia, la trata de personas, la explotación y el abuso son temas que referimos en la presente edición de nuestra Revista; tópicos que, por reseñados hasta el cansancio, se han convertido en parte del día a día de quien está en contacto con la información nacional e internacional.

Los niños migrantes indocumentados, no acompañados, que aún permanecen en Estados Unidos están siendo expuestos a toda clase de experiencias desfavorables.

Nos acercamos al final de otro año; otro año en que las expectativas por un mundo de equidad, nuevamente se escapan como arena entre los dedos...

“Cerca de 13.000 menores inmigrantes se encuentran en centros de detención y acogida en Estados Unidos; cientos de ellos, separados de sus familias en Estados Unidos, habrían sido reubicados en tiendas de campaña en un refugio de Texas, según reporte de The New York Times”. Aunque en varias oportunidades se ha advertido que estos menores separados de sus familias son “vulnerables a la trata de personas, la explotación y el abuso”, la situación continúa su proceso; pareciera que los llamados a la sensatez, son palabras que se lleva el viento.

Los refugiados y desplazados internos sirios, que desde marzo de 2011 han sido víctimas de un enfrentamiento entre las tropas gubernamentales, los grupos armados de la oposición y las organizaciones terroristas, han continuado regresando a sus hogares; “según datos de la ONU, unas 400.000 personas perdieron la vida en el conflicto”. Por su parte, las autoridades reportan que de las más de 1.490.739 personas que regresaron al país: “1.241.212 son desplazados internos y 249.527 son refugiados que volvieron del extranjero”; todos ellos con la esperanza de retomar y llevar adelante la vida

que se vio truncada por la crisis humanitaria que debieron enfrentar.

Dentro de interesantes datos aportados por la Organización de las Naciones Unidas (ONU) sobre la migración suramericana en 2017, tomando en cuenta la ciudadanía de origen y los censos nacionales, Venezuela, a causa de la crisis política y económica que ha venido enfrentando por mucho tiempo, fue el “segundo país con mayor afluencia de migrantes en Suramérica, con 1 millón 426 mil 336 personas en el exterior”. El éxodo de los venezolanos, sedentarios por naturaleza, ha ido creciendo de manera exponencial estos últimos años; “tan importante es este fenómeno que no hay cifras concretas que permitan determinar el tamaño de la diáspora. Sólo se dispone de aproximaciones”.

Para concluir, desde la redacción damos la bienvenida a los integrantes de la nueva Dirección General de los Misioneros de San Carlos - Scalabrinianos, al tiempo que hacemos énfasis en la importancia de su misión, en un mundo signado por la crisis migratoria.

CRISTINA CASTILLO CARRILLO

Xenofobia:

tensão, conflito, rejeição, intransigência e rechaço

O medo é um dos sentimentos mais reservados e que mais se escondem. Mas, ao mesmo tempo, é também um dos que mais se dividem. Este aparente paradoxo é de fácil entendimento: existem medos estritamente pessoais, íntimos, ocultos, fechados, sepultados no fundo de nossas entranhas; e existem medos coletivos, que envolvem uma família, um determinado grupo humano, uma comunidade e até mesmo toda uma sociedade. A “fobia” – palavra que deriva do grego *phóbos* – representa um medo misto. Tem um lado pessoal, uma espécie de pânico persistente, por vezes silencioso, irracional e patológico... Porém, pode contagiar todo um povo, uma nação, uma cidade, uma cultura – contra uma etnia específica, pessoas de outra cor, sexo, religião. Quando a pretensa ameaça desenvolve-se em virtude do temor “ao outro, ao estrangeiro, ao diferente”, trata-se, em ambos os casos, de *xenofobia*. O estranho e des-

conhecido, da mesma forma que uma novidade inusitada, inspira um medo não raro obscuro, absurdo e desproporcionado.

Em outros termos, tudo que é “novo” amedronta, porque foge ao comportamento rotineiro e cotidiano, às respostas programadas, à atitude habitual. O “outro” adquire a função de espelho: rompe com toda espécie de máscara, revela a nudez da própria fragilidade e impotência. Daí o receio diante de riscos possíveis, previsíveis ou imprevistos. O perigo bate à porta e provoca pânico. Faz-se necessário construir muros visíveis ou invisíveis em vista da autodefesa. E tal defesa, por sua vez, frequentemente conver-

te-se em ataque e perseguição, em intolerância e discriminação, em violência ou aberta perseguição. Resulta que o medo dista pouco das formas extremas de neonazismo e nefascismo. Instala-se a divisão entre “nós” e “eles”, ou entre os de “dentro” e os de “fora”. Do ponto de vista cultural e religioso, a fronteira divide, por uma parte, os que falam a nossa língua, seguem nossos costumes e se guiam por nossos valores e, por outra, os

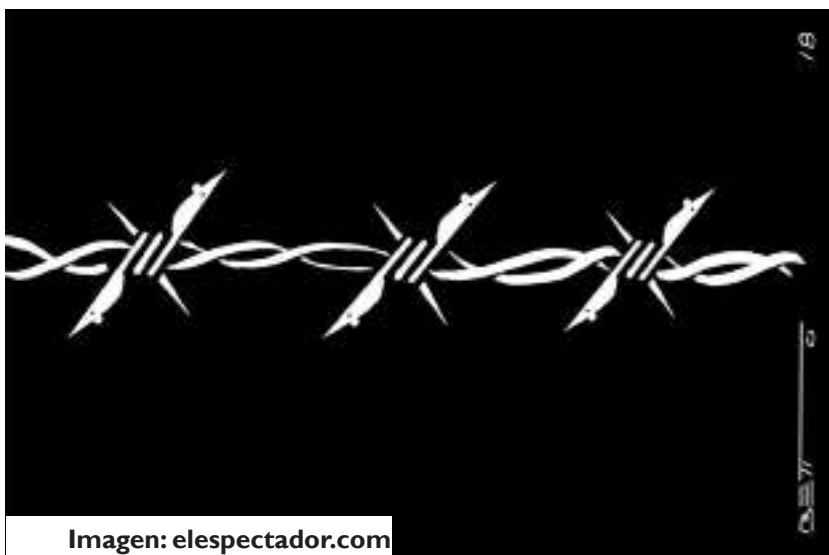


Imagem: elespectador.com

extra-comunitários. Do ponto de vista socioeconômico, os estrangeiros são aqueles que ameaçam nosso emprego, nossa família e filhos, nossa paz e nosso futuro. Politicamente, apela-se para o discurso da própria segurança nacional e a paz.

Neste momento, o cenário adquire formas concretas de tensão, conflito, rejeição, intransigência e rechaço. Quando o medo se expande e se torna generalizado entre amplos setores da população, gera-se um contexto propício à multiplicação de fortalezas, onde corações, portas e fronteiras são cuidadosas e hermeticamente fechadas. Cada pessoa ou família protege-se atrás dos próprios muros. Parte da mídia, como verdadeiros abutres esfamados, espalha a sensação de mau agouro. Mas o medo pode ser também sufocado, silenciado, dissimulado, reprimido. O silêncio vira mutismo de uma agressividade represada a custo. Olhares oblíquos

e palavras envenenadas cruzam os ares. A sociedade reveste a forma de uma cemitério da esperança, onde os vivos erram como fantasmas assustados e assustadores.

Pior de tudo quando o medo é instrumentalizado pelas autoridades de um país, pelas campanhas eleitorais e pela prática política em geral. Se as crises históricas são fonte de medo, ameaça e perigo, semelhante contexto converte-se em alicerce para o autoritarismo ou totalitarismo, combustível das ditaduras e dos

En otros términos, todo lo que es “nuevo” amedrenta, porque huye al comportamiento rutinario y cotidiano, a las respuestas programadas, a la actitud habitual.

tiranos. O medo se transforma em arma populista contra as bases populares. Setores de extrema direita, com a bandeira de um nacionalismo exacerbado, sabem como manipular o medo, dirigindo-o contra um certo alvo – um *bode expiatório* – que podem ser os bárbaros e selvagens, os loucos e vagabundos, as bruxas e feiticeiras, os judeus e muçulmanos... Ou, nos tempos que corem, os migrantes, os refugiados e os prófugos.

No seu modo de ver, são estes que atravessam desertos e mares, cruzam todas as fronteiras, invadem nossa sociedade, ameaçam a ordem, ignoram nossos valores mais profundos, fruto lento e árduo de “séculos de civilização”.

O medo xenofóbico, entretanto, pode ser dominado. O jardineiro, ao cultivar as flores, tem o cuidado de eliminar as ervas daninhas e os espinhos nocivos. Medos são como tumores malignos: podem ser analisados, radiografados, dissecados e submetidos ao bisturi. Este rasga o tecido não para expô-lo aos olhares alheios, mas para curá-lo. Dominados e controlados, os medos transfiguram-se em fonte de esperança, sonhos e construção de alternativas. Entra aqui o papel das autoridades, dos organismos internacionais, da Igrejas, das organizações não governamentais, das entidades e movimentos populares...

PE. ALFREDO J. GONÇALVES, C.S.

¿Seguridad del Estado o seguridad de los refugiados?

«Principle of non-Refoulement»

Refugiados frontera Macedonia - Grecia
Foto: eldiario.es



En los últimos meses hemos venimos mostrando en esta revista la existencia de leyes y acuerdos que buscan rescatar la dignidad de la persona migrante, desplazada o refugiada, acorde con los Derechos Humanos y al Derecho Internacional, respetando, por supuesto, la soberanía nacional.

La interrogante de este mes es referente a la seguridad; ¿qué deberá primar, la seguridad del Estado o la de los refugiados? Sin duda hay opiniones diversas al respecto. Muchos Estados optan por la seguridad nacional, como lo hace EE.UU. y lo están haciendo algunos países de Europa; otros optan por la seguridad de los refugiados, prestando acogida con una buena atención humanitaria. No hay duda que la seguridad es un derecho de los refugiados como también lo es del Estado; es decir, protección de los refugiados y

seguridad del Estado son temas que se complementan y se refuerzan.

Actualmente los Estados están preocupados con la seguridad nacional, mientras que la migración internacional y los refugios se han tornado punto central en la pauta de muchos gobiernos. Desde el Derecho Internacional, se reconoce que la seguridad es un interés legítimo del Estado. La **Convención Americana sobre los Derechos Humanos de 1969** manifiesta

que: toda persona tiene derecho de buscar y recibir asilo en territorio extranjero en caso de persecución, según los convenios internacionales y la legislación nacional. Por el cambio territorial que hace un refugiado, es el primero en necesitar de protección, dado que fácilmente puede ser víctima de la inseguridad, del terrorismo, del racismo, de la intolerancia, de la xenofobia...

Ahora bien, la seguridad es un derecho del refugiado y del Estado. El Estado tiene la obligación de proteger a los nacionales y a todas las personas que se encuentren en su jurisdicción, entre los que

se cuentan los protagonistas de la movilidad humana. Por su parte, los refugiados siguen con sus derechos fundamentales establecidos en la **Convención Relativa al Estatuto de los Refugiados de 1951** y su protocolo de 1967; es necesario entonces, que cada Estado busque un equilibrio entre su interés de seguridad nacional y sus obligaciones internacionales de protección de los Derechos Humanos.

De lo anterior hay que resaltar que el Estado puede válidamente suspender estos derechos y garantías a una persona, si es una amenaza evidente. La **Declaración Americana de los Derechos y Deberes del Hombre**, establece en el **Art. 28**, que *los derechos de las personas están limitados por los derechos de los demás, por la seguridad de los demás, y por las justas exigencias*

Las autoridades migratorias tienen el reto de asegurar el derecho de los refugiados, sin poner en riesgo la seguridad nacional de los demás ciudadanos.

del bienestar general y del desarrollo democrático.

Podríamos subrayar que, aunque el refugiado tenga sus derechos de protección internacional, como bien lo presenta el Estatuto de los Refugiados de 1951, estos podrían ser cancelados. Vale decir que la condición de refugiado no implica inmunidad o impunidad frente a los crímenes o violaciones de las leyes nacionales. Puede suceder que el Estado suspenda la condición de refugiado, a quien ha incurrido en algún fraude; ha mentido al presentar los hechos relevantes a su caso de solicitud de refugio; ha cometido algún tipo de delito contra la paz o contra la humanidad o es culpable de actos contrarios a los principios de las Naciones Unidas.

Si las decisiones tomadas están de acuerdo con las normas jurídicas internas del Estado, el refugiado puede ser detenido y luego expulsado; estamos hablando de una medida excepcional y no de una manera fácil de librarse de los solicitantes de asilo o refugio. Por más que la seguridad sea un derecho de los refugiados, también es de importancia para los Estados.

Tal principio es la piedra angular del Derecho Internacional de los Refugiados, fundamentado en que un Estado no podrá rechazar o expulsar de ninguna forma a esta persona. Ahora bien, este mismo principio admite las excepciones mencionadas anteriormente, previstas en la misma Convención; las situaciones de expulsión o retiro de la condición de refugiado serán excepcionales.

Para finalizar, vemos que Estado y refugiado tienen sus derechos y deberes. Las autoridades migratorias tienen el reto de asegurar el derecho de los refugiados, sin poner en riesgo la seguridad nacional de los demás ciudadanos. Son más de 3 millones de personas quienes necesitan de forma urgente esta protección internacional.

Mientras la ACNUR está a la par de toda esta temática, nosotros como misioneros, que trabajamos en cooperación con la ACNUR y la OIM, seguiremos acompañando a los refugiados en sus necesidades y orientándolos en sus derechos y deberes, sin desconocer las leyes locales; es decir, respetando también las normativas de cada Estado.

ANDREI ZANON, C.S.

CONVENCIÓN RELATIVA AL ESTATUTO DE LOS REFUGIADOS DE 1951 ART. 33 PROHIBICIÓN DE EXPULSIÓN Y DE DEVOLUCIÓN

1. Ningún estado contratante podrá, por expulsión o devolución, poner en modo alguno a un refugiado en las fronteras de los territorios donde su vida o su libertad peligre por causa de su raza, religión, nacionalidad, pertenencia a determinado grupo social, o de sus opiniones políticas.
2. Sin embargo, no podrá invocar los beneficios de la presente disposición el refugiado que sea considerado, por razones fundadas, como un peligro para la seguridad del país donde se encuentra, o que, habiendo sido objeto de una condena definitiva por un delito particularmente grave, constituya una amenaza para la comunidad de tal país.

Cerca de 1.500 refugiados y desplazados sirios

regresan a sus hogares



Foto: sana.sy

“MOSCÚ / Sputnik — Las autoridades de Siria publicaron en el portal del Ministerio de Exteriores una serie de instrucciones dirigidas a los refugiados que regresan del extranjero, declaró el portavoz de la Cancillería siria, Abdulmunem Anan.

‘Para informar de manera más amplia, en la página web del Ministerio de Exteriores fue publicado un comunicado en el que se explica con precisión a dónde y de qué manera se debe dirigir un ciudadano sirio que está en el extranjero, si quiere cambiar su estatus’, indicó el diplomático en una reunión dedicada al retorno de los emigrantes.

...A su vez el portavoz del Ministerio de Justicia sirio, Ahmad Farawati, recordó que el pasado 9 de octubre el presidente sirio, Bashar Asad, firmó una ley que prevé la amnistía general para los que eludieron el servicio militar al fugarse al extranjero o desplazarse dentro del país.

Según el diplomático, todos esos ciudadanos deben precisar su estatus en un plazo de seis meses si se encuentran fuera del país, y en un plazo de cuatro meses si permanecen en Siria.”¹

“MOSCÚ / Sputnik — Casi 1,5 millones de sirios regresaron a sus casas, informó el jefe del Centro Nacional de Gestión de Defensa de Rusia, general coronel Mijaíl Mizíntsev.

‘Hasta el momento, más de 1.490.739 sirios regresaron al país: de ellos 1.241.212 son desplazados internos y 249.527 son refugiados que volvieron del extranjero’, precisó.

En una semana, dijo Mizíntsev, a sus casas regresaron 2.659

sirios, incluidos 2.520 que habían huido de la guerra a otros países y 139, a diferentes partes del país.

Informó que, durante la semana pasada, fueron reparados y puestos en funcionamiento 167 edificios residenciales, una escuela, dos centros de salud, una guardería, una instalación de distribución de agua, una panadería, cuatro subestaciones eléctricas, además se restableció el suministro de electricidad en 36 localidades.

Informó que en otras 289 localidades las labores de reconstrucción continúan.

El militar señaló que el Gobierno sirio sigue trabajando para impulsar el regreso de los refugiados.

...Mizíntsev informó también que el gobierno sirio despliega nuevos puestos de control y mejora los existentes.

Enfatizó que la reapertura de los pasos fronterizos Nasib, entre Siria y Jordania, y Al Quneitra, entre Israel y Siria, muestra que son infundadas las acusaciones lanzadas contra el Gobierno sirio sobre la falta de voluntad para acoger a sus propios ciudadanos de los países vecinos.

Siria vive desde marzo de 2011 un conflicto en el que las tropas gubernamentales se enfrentan a grupos armados de la oposición y a organizaciones terroristas.

Según datos de la ONU, unas 400.000 personas perdieron la vida en el conflicto.”²

“Varias familias desplazadas regresaron el martes por el

corredor de Abu al-Dohor a sus aldeas en el campo de Alepo, Idleb y Hama, que fueron declaradas libres de terrorismo por el Ejército Árabe Sirio.

El reportero de SANA desde el corredor dijo que las autoridades recibieron a las familias retornadas y les proporcionaron alimentos, socorro y servicios médicos, además de facilitar medidas para garantizar que todos los retornados lleguen a sus aldeas para reanudar sus vidas normales...”³

“IDLEB / SANA – ...En este marco, el reportero de SANA pre-

Estas familias cargaban sus equipos domésticos y de agricultura zarpando rumbo hacia sus localidades y pueblos ya limpios del terrorismo

cisó que varias familias cruzaron el paso de Abou al-Duhur procedentes de zonas bajo el control de los terroristas en la ciudad de Idleb y su campo.

Estas familias cargaban sus equipos domésticos y de agricultura zarpando rumbo hacia sus localidades y pueblos ya limpios del terrorismo, agregó.

...Algunos desplazados hablaron de la intimidación que practican los grupos terroristas para impedir la salida de los civiles y su retorno a sus hogares, así como contaron hechos relacionados con las acciones inhumanas y criminales llevadas a cabo por estos terroristas en su contra.”⁴

1 mundo.sputniknews.com 20-10-18
2 mundo.sputniknews.com 22-10-18
3 nrt24.ru 23-10-18
4 sana.sy 23-10-18

La Trata de Personas

en la Semana Nacional de Migrante



A un año de la visita apostólica del Santo Padre Francisco, a Bogotá - Colombia, las huellas significativas en nuestros corazones y nos han motivado a dar el primer paso. Del 9 al 16 de septiembre, la Iglesia Colombiana celebró la Semana Nacional Del Migrante con el lema: *“Salir al Encuentro de los Migrantes es un Camino de Paz”*, como una respuesta a la invitación del Santo Padre en su mensaje para la 51 Jornada Mundial por la Paz (1 de enero de 2018), en donde nos invitó a **promover, proteger, integrar y acoger** a nuestros hermanos migrantes y refugiados del mundo actual.

Durante los 7 días de la Jornada Nacional de los Migrantes, nosotros, como misioneros Scalabrinianos en formación, participamos en algunos eventos organizados por la *Fundación Atención al Migrante* de la Arquidiócesis de Bogotá, tales como: Eucaristía por los Migrantes, Foro para la Integración de los Migrantes, Prevención de Trata de Personas... Como aseguró Miguel Uribe Turbay, secretario Distrital de Gobierno: *“La Trata de Personas es la esclavitud del Siglo XXI. Es el tercer delito económicamente más rentable del mundo después del comercio de armas y el narcotráfico y, desafortunadamente, es un delito oculto”*; frente a esta situación, algunos de nuestros co-

hermanos realizaron dinámicas con los estudiantes de bachillerato de algunos colegios en Bogotá.

La actividad en los colegios era así; Un supuesto empleador llega desde Miami en busca los jóvenes emprendedores para trabajar en algunos países como Filipinas, Vietnam, Malasia y Tailandia, con

un salario irresistible: 6.000 dólares. Una vez hecha la propuesta a los jóvenes estudiantes, hemos entregado los contratos laborales para iniciar el proceso de selección y contratación; “apenas 40 cupos disponibles con un límite de respuesta de 2 días”.

Con esta dinámica tan sencilla se logró que muchos de los estudiantes pusieron toda su información personal, número telefónico, dirección de residencia y que firmaran el contrato, sin conocer quiénes eran realmente los empleadores; en ese caso, cazadores de víctimas de Trata. En un grupo de aproximadamente 200 estudiantes, por lo menos 50 habían puesto sus nombres en la hoja de contratación (70% niñas y 30% niños); otros tenían gran interés, pero no tenían la edad mínima para poder participar: 16 años.

Al finalizar, les mostramos que todo lo anterior era falso y que, muchos de ellos, habían sido engañados por el supuesto empresario. De allí surge la presentación sobre la Trata de Personas; sus riesgos y consecuencias. La novedad es que los colegios visitados este año eran privados; es decir, muchos jóvenes son víctimas fáciles de los especuladores independientemente de su condición socio-económica.

Según las estadísticas del gobierno, desde 2016 hasta el 26 de marzo de 2018 solo en Bogotá fueron

atendidos 86 casos de Trata de Personas; 58 bajo la finalidad de explotación sexual; 8 trabajos forzados; 4 matrimonio servil; 1 mendicidad ajena; 1 servidumbre y 14 otras formas de explotación¹.

Sin duda alguna, es necesario seguir alertando a la población joven sobre los constantes riesgos que los acechan y el gran cuidado que deben tener frente a las “buenas propuestas” que puedan surgir. En nuestra labor como misioneros, seguiremos atentos a todos los riesgos en que puedan caer las personas menos informadas, sean ellos migrantes, nacionales, jóvenes o adultos. Estamos eternamente avizores a todo lo que pueda atentar contra la dignidad de la persona.

QUỖNH HOÀNG VĂN, C.S.

Sin duda alguna, es necesario seguir alertando a la población joven sobre los constantes riesgos que los acechan y el gran cuidado que deben tener frente a las «buenas propuestas» que puedan surgir.

1 Cf. <http://www.bogota.gov.co/temas-de-ciudad/gobierno-seguridad-y-convivencia/campana-bogota-sin-trata>

Venezuela es el segundo país con mayor flujo de migrantes

en 2017, según la ONU

“...La Organización de las Naciones Unidas (ONU) tiene datos interesantes. Sólo en el 2017, Venezuela fue el segundo país con mayor afluencia de migrantes en Suramérica, con 1 millón 426 mil 336 personas en el exterior.

La lista la lidera Argentina, con 2 millones 164 mil 524 personas; en tercer lugar está Brasil, con 735.557; luego Chile, con 488.571 y en quinto lugar Ecuador, con 399.068.

Colombia ocupa el octavo lugar entre las naciones del cono sur con mayor cantidad de migrantes en 2017 según la ONU: 142 mil 319. En los últimos 17 años, sólo Paraguay y Uruguay han experimentado ligeros decrementos en la cantidad de personas que se han trasladado de su territorio de origen a otro.

Las cifras de la ONU toman en cuenta la ciudadanía de origen y no a las personas que se nacionalizaron. Los porcentajes de ciudadanos fuera de cada país se hicieron tomando como base los censos nacionales.

¿Qué dice el Banco Mundial?

El Banco Mundial tiene otros datos que ayudan a dimensionar lo dicho por la vicepresidenta. Su data de migración neta, es decir, la cantidad de personas que entraron a un país menos la cantidad que salió, indica que (sólo en números) Venezuela es el

segundo país que menos emigrantes registró en el 2017, mientras que Colombia es el segundo con mayor cantidad de emigrantes.

Esta lista la encabeza Perú con 179 mil 540 emigrantes, Colombia con 147 mil 004, Paraguay con 82 mil 362 y Bolivia con 50 mil cinco.

Venezuela ocupa el noveno puesto con 60 mil 493, número que equivale a la cantidad de personas que caben en las tribunas del estadio Benito Villamarín de Sevilla, España.

Cuando estos números se ponen en perspectiva con respecto a la población de cada país, las cifras se voltean. En el año 2015, el 8,6% de los habitantes de Surina-

me estaba fuera de su país, 4,8% en Argentina y 4,5% en Venezuela.

Si se totalizan los números de hace 20 años, de 1997 a 2017, las cantidades son mucho más altas. 2 millones 84 mil 593 personas han emigrado de Perú, 784 mil 005 de Colombia, 377 mil 144 de Paraguay y 368 mil 799 de Bolivia.

Según esta fuente, la cual a su vez usa datos de la ONU, 167 mil 718 venezolanos han emigrado; poco más que la cantidad de personas que viven en Valera, estado Trujillo.

Los números del Banco Mundial son estimaciones de cinco años. Como se explica en su portal web, la fuente de la data es la División de Población de las Naciones Unidas. Toman en cuenta



la historia de migraciones del país y el ingreso de refugiados en períodos recientes. También las estadísticas fronterizas, las encuestas y los censos.

Cuando no se pueden hacer estimaciones oficiales, continúa explicando el portal, porque los datos son insuficientes, se deriva la migración neta de la ecuación de balance, que es la diferencia entre el crecimiento general de la población y el aumento natural durante el período entre censos de 1990 a 2000.

¿Qué significan estos números?

El informe 2018 sobre las migraciones en el mundo de la Organización Internacional para las Migraciones (OIM) dice que “aunque se circunscriben a países concretos, los conflictos y la violencia contribuyen a los desplazamientos humanos y los procesos migratorios de la región”.

La historia de los países sudamericanos con mayor emigración, reflejados por el Banco Mundial, está marcada por los movimientos migratorios producto de crisis económicas y conflictos armados.

La migración venezolana aún es muy reciente como para compararla con las olas migratorias de otros países de la región. Lo reafirma el informe de la OIM: “La República Bolivariana de Venezuela contaba con la segunda mayor población de migrantes de la región, seguida de México y el Brasil”.

Por citar un ejemplo, según la sección de migración de la Organización de Estados Americanos (OEA), a partir de los años '60 la inestabilidad política hizo que Colombia ocupara el segundo lugar a nivel mundial de población desplazada. En la década de los 90 estos números se hicieron más grandes por la amenaza narcoterrorista.

El Departamento Administrativo Nacional de Estadística (Dane) de Colombia (ente que cita la Cancillería de Colombia) estimó que para el 2005, 3.378.345 colombianos vivían en el exterior. Un 34,6% vivía en Estados Unidos, 20% en Venezuela, 3,1% en Ecuador, por citar los casos más numerosos.

Según la OIM, más de 7,2 millones de personas continuaban en situación de desplazamiento interno a finales del 2016. Se han visto obligadas a dejar sus hogares para evitar conflictos armados, violación de derechos humanos o algún desastre natural sin haber salido de las fronteras de su país.

En el año 2015, casi un millón de colombianos vivían en Venezuela. Sin embargo, las negociaciones de paz en Colombia entre el 2016 y el 2017, sumando “el agravamiento de la situación económica y social en Venezuela”, han animado a muchos colombianos a regresar a su patria, dice el informe.

¿Qué hay de los otros países?

Por citar un caso, el perfil migratorio de Perú 2012 publicado por la OIM indica que entre las décadas de los '70 y '90, la salida de peruanos al exterior fue creciendo. Los principales destinos fueron Estados Unidos, España, Chile y Japón. Los primeros años

de los 90 se caracterizaron por la crisis económica, la violencia política y la guerra interna.

En las décadas de los '80 y '90, el grupo comunista Sendero Luminoso obligó a miles de peruanos a abandonar sus hogares para protegerse de la violencia. Se estima que, desde entonces, unas 62 mil personas continúan en situación de desplazamiento prolongado.

¿Cuántos venezolanos hay afuera?

Según el informe de la Organización Internacional para las Migraciones (OIM) de febrero 2018, 1.622.109 venezolanos estaban fuera del territorio en el año 2017; 195 mil 773 personas más que los que indicó la ONU.

La cifra acumula los últimos datos disponibles de cada país. A la fecha, estos números son muchos más altos: se calculan unos 2,3 millones. Poco menos que la cantidad de personas que usan diariamente el Metro de Caracas, 3 millones según el ministro de Transporte Hipólito Abreu.

Sólo en el país vecino está poco más de la mitad. Al respecto, el director general de Migración de Colombia, Christian Kruger, dijo en julio de este año que alrededor de 870 mil venezolanos tanto regulares, como en proceso de regularización e irregulares están viviendo en el país vecino.

Migration Policy Institute califica el éxodo venezolano como “la escalada más rápida de desplazamiento de personas a través de las fronteras en la historia de América Latina”. Señalan que las cifras de venezolanos en el exterior son “imprecisas”, pero que están en el rango de los 1.6 millones y 4 millones de personas hasta inicios del 2018.

Algunos expertos dicen que este éxodo de venezolanos podría sobrepasar los 5.6 millones de ciudadanos sirios que se han ido de su país durante la guerra civil.

El veredicto

Parte de las afirmaciones de la Vicepresidenta tienen base. Dada su historia de migraciones, Colombia sí es uno de los países de la región con mayor cantidad de emigrantes y desplazados internos. Por su parte, Venezuela durante décadas fue una de las naciones con menor flujo de emigrantes.

Sin embargo, decir que esta situación se ha mantenido es ignorar el gran éxodo de venezolanos que ha ido creciendo estos últimos años, especialmente entre 2015 y 2017. Tan importante es este fenómeno que no hay cifras concretas que permitan determinar el tamaño de la diáspora. Sólo se dispone de aproximaciones.

Por lo tanto, lo dicho por Rodríguez es discutible. El reciente movimiento migratorio de venezolanos no es comparable con el éxodo de otros países, cuyos ciudadanos tienen décadas emigrando.

SHARI AVENDAÑO*

* efectococuyo.com 23-09-18

Niños indocumentados no acompañados en Estados Unidos

“vulnerables a la trata de personas, la explotación y el abuso”



Literas en el campamento de Tornillo
Foto: HHS / telemundo.com

“Cientos de niños inmigrantes separados de sus familias en Estados Unidos habrían sido reubicados en tiendas de campaña en un refugio de Texas, según reporte de The New York Times.

...Sobre esta situación Francisco Portillo, director de la organización proinmigrantes Francisco Morazán, dijo que ‘es doloroso todo lo que están pasando estos niños. Están recibiendo un trauma realmente preocupante con las condiciones humanas con los que estos niños están siendo trasladados’.

Portillo destaca que las autoridades no deben menguar los esfuerzos para hallar a los padres de estos niños indocumentados.”¹

“A pesar de que el pasado 13 de julio se dio a conocer que el centro de detención de menores indocumentados en la comunidad de Tornillo iba a dejar de funcionar, este recibió recientemente un estimado de 1.600 menores en sus instalaciones.

‘Si existe un lugar en donde no hay rendición de cuentas y no hay transparencia es Tornillo mismo’, afirmó Fernando García, director de la Red Fronteriza por los Derechos Humanos. ‘De hecho, la razón por la que los están trayendo de otros lugares, de Nueva York, de Kansas, es porque en esos estados había una serie de estándares.

...Actualmente, miembros de la Red Fronteriza por los Derechos Humanos se encuentran trabajando en una petición que

les permita ingresar a las instalaciones de Tornillo para verificar las condiciones de los menores y que, a su vez, cuenten con educación y salud.

...‘Las edades de los menores no acompañados y el peligroso viaje que realizan los hace vulnerables a la trata de personas, la explotación y el abuso. Es por eso que nos unimos al presidente para pedirle al congreso que reforme el quebrantado sistema de inmigración’, dio a conocer Evelyn Stauffer, portavoz del Departamento de Salud y Servicios Humanos, en un comunicado de prensa...”²

“Cerca de 13.000 menores inmigrantes se encuentran en centros de detención y acogida en Estados Unidos. Según el diario ‘The New York Times’ algunos de ellos han sido enviados de noche, sin apenas aviso previo, a instalaciones hechas de tiendas de campaña en el desierto tejano...

MIGUEL ÁNGEL ANTOÑANZAS”³

“ACI PRENSA – Cientos de niños y jóvenes inmigrantes indocumentados han sido enviados a la ‘ciudad de las carpas’ en el desierto de Texas, meses después de que algunos líderes católicos alertaron sobre los peligros de este plan de las autoridades de Estados Unidos.

En semanas recientes, inmigrantes de varios estados del país han sido despertados en medio de la noche y llevados en autobuses a un campamento cerca del pueblo de Tornillo, a unos 50 kilómetros al sureste de El Paso, ciudad fronteriza con México.

...El campamento abrió en el mes de junio y tenía capacidad para 400 personas. En septiembre se amplió para tres mil 800. Los niños y jóvenes son separados por sexo y distribuidos en grupos de 20. Duermen en camarotes y en vez de ir a la escuela reciben libros de trabajo. Tienen además acceso limitado a servicios legales.

El campamento tiene baños portátiles, aire acondicionado y espacios para recreación y atención médica. Sin embargo, la ciudad de tiendas de campaña no está regulada. Esto contrasta con otros lugares donde se alojan menores en donde sí hay monitoreo, con diversas regulaciones para la seguridad y la educación.

‘Detener a niños en cualquier espacio nunca es una buena idea. Eso lleva a una serie de repercusiones de tipo médico, emocional y de desarrollo, incluso cuando son detenidos con sus padres’, dijo Patricia Zapor, directora de comunicaciones de la Catholic Legal Immigration Network, Inc.

En el mes de julio, en entrevista para CNA (agencia en inglés del Grupo ACI) Zapor señaló que ‘detener a los niños y separarlos de sus padres es incluso una idea peor, y en tiendas de campaña, en el duro clima árido de Texas, es una receta para el desastre’.

A su turno, Evelyn Stauffer, vocera del Departamento de Salud y Servicios Humanos, defendió la ciudad de tiendas de campaña y dijo que ‘es común usar albergues como este, como se ha hecho con bases militares en el pasado, además de usar instalaciones temporales mientras sea necesario’.

En declaraciones al New York Times, la funcionaria del departamento que tiene a su cargo las tiendas de campaña precisó que el quebrado sistema de inmigración es el problema más grande que hace que las familias de inmigrantes y los menores no acompañados sean detenidos.

...El tiempo promedio que un menor permanece en custodia se ha elevado de 34 a 59 días, y la capacidad de recibir menores se amplió por la decisión de la Administración Trump de separarlos de sus padres.

Los menores permanecen en custodia federal hasta que algún familiar o amigo pueda hacerse cargo de ellos, una vez que sus casos legales son resueltos. No obstante, muchos de estos también son inmigrantes indocumentados y corren el riesgo de ser expulsados de Estados Unidos.

El New York Times informó que en junio las autoridades federales indicaron que los familiares y amigos que podrían recibir en sus casas a los menores detenidos deben registrar sus huellas digitales para que sean utilizadas luego por las autoridades de inmigración.

En junio, en la apertura de la asamblea de la Conferencia de Obispos Católicos de Estados Unidos, el Presidente de la institución, Cardenal Daniel DiNardo, criticó la separación de las familias en la frontera.

‘Nuestro Gobierno tiene la discreción en nuestras leyes para asegurar que los niños no sean separados de sus padres ni expuestos a un trauma y daño irreparables’, dijo. Tras recordar que la familia ‘es la célula básica de la sociedad’, el Cardenal indicó que sus miembros deben permanecer siempre juntos.”⁴

«Detener a niños en cualquier espacio nunca es una buena idea. Eso lleva a una serie de repercusiones de tipo médico, emocional y de desarrollo, incluso cuando son detenidos con sus padres.»

1 ntn24.com 1-10-18
2 telemundo48elpaso.com 2-10-18
3 cnnespanol.cnn.com 2-10-18
4 conexiommigrante.com 3-10-18

Doble celebración del Apostolado del Mar

19ª Semana Marítima Nacional 23º Día Nacional de la Gente de Mar



Por: Jonás Fernández, c.s.

Del 23 al 30 de septiembre en Manila, Filipinas, celebramos la 19ª Semana Marítima Nacional y, el 30 de septiembre, el 23º Día Nacional de la Gente de Mar. Estos eventos fueron organizados por diferentes instituciones con la ayuda del Apostolado del Mar (AOS) Stella Maris Manila, bajo la supervisión del Padre Paulo Prigol, c.s. director, capellán y coordinador del AOS, y el Centro Scalabrini para Personas en Movimiento (SCPM), de Manila.

Esta es otra importante forma de servicio a los migrantes proporcionada por *Scalabrinian*

Charisma, and Community; la cual está muy viva en el contexto de Filipinas, que es un país con más de 7.000 islas, que cuenta el mayor número de gente de mar en el mundo. Aquí nuestra Congregación, *Misioneros de San Carlos - Scalabrinianos*, atiende a los Trabajadores de Supervisión Filipinos y a la Gente





de Mar; actividades que nos llevan a mejorar y desarrollar el Carisma Scalabriniano.

Filipinas es considerado un proveedor importante de mano de obra marítima a nivel mundial (con aproximadamente 460.000 marinos que terminan la escuela y se gradúan cada año). Se estima que generalmente hay un marino filipino por cada cuatro o cinco personas a bordo; además, los marinos filipinos representan más del 25% de los 1,5 millones de infantes de marina en todo el mundo. Dado el vasto litoral fili-

pino (dos veces el tamaño de los EE. UU. Y casi tres veces más que el de China), los marinos filipinos tienen instintos marítimos naturales que los ubican en ventaja sobre los de otras nacionalidades; por este motivo, según la Administración Filipina de Empleo en el Extranjero (POEA), Filipinas es el principal proveedor mundial de marineros desde 1987.

Este año el Día Nacional de la Gente de Mar celebró con el tema “Marinong Filipino: Kayamanan ng Lahi!” (*Filipino Seafarers:*

Wealth or treasure of the Nation!). Hubo celebraciones eucarísticas en todo el país para los marinos filipinos; en Manila, la celebración eucarística se llevó a cabo en el gimnasio del Complejo Deportivo de San Andrés y fue presidida por los padres Scalabrinianos. Más de 4.000 personas pertenecientes a escuelas marítimas, agencias gubernamentales, agencias de personal, centros de capacitación, organizaciones marítimas, sindicatos, familias, instituciones privadas y religiosas participaron en esta celebración de la gente de mar.

P. Leonir Chiarello, c.s.

Nuevo Superior General de los Misioneros Scalabrinianos



Foto: migrants-refugees.va

Al cierre de nuestra edición nos ha llegado la noticia de que el padre Leonir Mario Chiarello, hasta la fecha Director Ejecutivo de la Red Internacional de Migración Scalabrini (SIMN), ha sido nombrado Superior General de los Misioneros de San Carlos - Scalabrinianos. El Consejo General estará conformado por P. Giovanni Borin, P. Mariano Cisco, P. Mario Geremia y P. Graziano Battistella; también han sido electos, P. Giovanni Borin, en el cargo de Ecónomo General y P. Luigi Sabbarese, en el cargo de Procurador General. Para darles a conocer un poco más de cerca al padre Leonir, nos permitimos reproducir apartes de una entrevista realizada por Ángel Morillo, a finales de 2017:

“Caminante no hay camino, se hace camino al andar”, con el verso del poeta español Antonio Machado, el padre Leonir Chiarello ha entretejido un cúmulo de vivencias a lo largo de su vida como misionero, que hoy lo hacen merecedor y digno de reconocimiento en el mundo de la Iglesia Católica universal como referente del área de migración.

Cabe destacar que la Congregación Misioneros de San Carlos - Scalabrinianos, fue fundada en Piacenza (Italia) por el obispo Juan Bautista Scalabrini (1839-1905), con el fin de mantener viva en el corazón de los emigrantes italianos la fe católica y, con ello, lograr el bienestar moral, civil y económico de los mismos.

Antes de estar en este importante puesto en defensa de los derechos de la población migrante, desplazada y refugiada, padre Leonir estuvo en la comunidad argentina de Bahía Blanca desde 1996 hasta 1997 y, desde el año 1997 hasta el 2006, estuvo en Chile como Consejero y Vicepresidente ejecutivo de la Comisión Episcopal para las Migraciones de Chile (INCAMI).

Asimismo, fue fundador y director del Centro Integrado de Atención al Migrante (CIAMI) de Santiago (2000), fundador y primer presidente de la Fundación Scalabrini y ONG Scalabrini de Chile (2003-2006) y Consejero de la Sección de Movilidad Humana del Consejo Episcopal Latinoamericano - CELAM, durante el periodo 2003 - 2006. Actualmente, también es uno de los artífices y principales propulsores de la Red Latinoamericana y Caribeña de Migración, Trata y Refugio CLAMOR, conformada por diversas organizaciones católicas del continente.

Se licenció como Filósofo en la Universidad de Caxias do Sul - Brasil; tiene una licenciatura y maestría en Teología Dogmática en la Pontificia Universidad Gregoriana de Roma y una maestría en Ciencias Sociales y Políticas en la Universidad Alberto Hurtado de Santiago - Chile. Es un hombre sumamente sencillo y de muy buen trato; tiene la alquimia del buen pedagogo, que hace que los temas más complejos resulten sencillos.

Si bien, es capaz de admitir que Donald Trump es uno

de esos “canes” que sólo ladran y no muerden, también es de aquellos que, con los debidos argumentos, hace un llamado imperativo a “la necesidad de una consideración global de la justicia, entendida como justicia global, y de la corresponsabilidad de los Estados y la sociedad civil para tratar las migraciones éticamente. Por otra parte, la solución de la paradójica disfuncionalidad del actual proceso de globalización excluyente, que no está funcionando para los pobres, los migrantes y el medio ambiente, es la definición de una estrategia de gestión ética de la misma y de su domesticación al servicio de una mejor calidad de vida para toda la humanidad; para ello, se requiere un cambio sistémico de la economía actual, hacia una economía que esté al servicio de las personas y no las personas al servicio de la economía”.

Es un hombre de armas tomar, con la capacidad de tener esa dualidad: profundidad-sencillez, digna de aquellos hombres nacidos para transformar el mundo. Gracias a Dios los migrantes cuentan con él.

Nace un 19 de mayo de 1967 en el Sur de Brasil, una región de inmigración alemana, italiana y austriaca; sin duda, esa condición de migrante marca su espíritu. Tanto Ercelino Chiarello (de origen italiano) como María Paula Aufer (de origen austriaco) se establecieron y tuvieron 8 hijos, Leonir es el cuarto. “Soy el del medio”, acota.

“Tengo recuerdos muy bonitos de mi familia; mi mamá era profesora y nos quedábamos en casa con mis hermanas y dos empleadas que nos cuidaban. Uno de mis juegos preferidos era celebrar la Misa con mis hermanos; ya desde pequeño tenía esa inquietud, no tenía aún la conciencia pero veía al sacerdote como alguien que guiaba a la comunidad y después, cuando hice la Primera Comuni3n, el padre Roberto Giotolla, de nacionalidad Italiana, me orientó”, recuerda.

¿Cuándo llega el momento de formalizarse en el mundo religioso?

Mi hermana mayor estaba estudiando Leyes y mis otras hermanas también estaban en la universidad; yo pensaba estudiar Leyes, como mi hermana mayor. En una oportunidad un grupo de sacerdotes y religiosas de la comunidad donde yo participaba hicieron una charla donde dijeron que la vida es como semillas puestas dentro de una bolsa, una parte puede ir a un molino y hacerse pan y la otra parte puede ser sembrada en la tierra y germinar, dar muchos frutos, más semillas y contribuir a hacer más pan; así es la vida religiosa, dijeron... En ese momento, yo decidí interiormente que iba a ser sacerdote.

¿Por qué con los Scalabrinianos?

Yo le expresé a mi catequista, mi deseo de ser sacerdote; ella lo comunicó al colegio y la profesora de la escuela lo comentó a un grupo vocacional que había en la parroquia y ahí, cerca a esa parroquia, estaban los Hermanos Maristas. Ellos me invitaron para ser Hermano Marista, cuando iba a cumplir 16 años. Un día, cuando iba regresando de la parroquia hacia mi casa, el párroco, Luigi Salbuchi, que iba en el carro a celebrar Misa, en una capilla cercana, me invitó a que lo acompañara; cuando íbamos por una loma, disminuyó la velocidad, me miró y me dijo: ¿Tú no quieres ser sacerdote?, yo le dije: Sí. Entonces, fueron esos tres momentos los que marcaron mi vida sacerdotal a futuro. El párroco lo tomó muy en serio y habló con el promotor vocacional Scalabriniano, Padre Valmir Baldo, quien fue a mi casa.

¿Cómo fue ese cambio, al asumir una vida sacerdotal?

Al inicio fue un poco duro, porque yo tenía una cercanía muy grande con mi familia, pero me fui acostumbrando a la vida del seminario. Terminé la secundaria e hice el Noviciado, luego estudié Filosofía en Brasil y después fui a Roma a estudiar Teología. Me ordeno sacerdote el 5 de agosto de 1995, después de la ordenación regreso a Roma, por un año más, para terminar la licenciatura. El primer año de actividad pastoral directa fue en Bahía Blanca en Argentina; estuve un año trabajando con una parroquia, en la Delegación Arquideocesana Pastoral de Migraciones, con migrantes bolivianos y chilenos, entre otros.

¿Por qué siempre le llamó la atención el trabajo con migrantes?

Fue más porque mi parroquia era Scalabriniana, siempre me impresionó ese mundo; recuerdo que cuando era niño vino a la parroquia un sacerdote diocesano que trabajaba en Maranhão, norte de Brasil, hace 40 años. En esa época, todavía esa población era en gran parte selva; estaban llegando para la colonización de esa área, entonces él vino y nos hizo ver unas fotos de su trabajo misionero. Siempre me impresionó la labor de los que van y comparten las necesidades del pueblo llevando la palabra de Dios, llevando a Dios y descubriéndolo. En mi parroquia los Scalabrinianos también hablaban mucho del trabajo que se estaba empezando en Paraguay; la parroquia tenía un grupo de Laicos, organizado por el párroco, y todos los años se iban de misión a Paraguay a ayudar a construir las

«...en cada migración Dios nos da una misión y si uno descubre esa misión este proceso se hace más sereno, con mayor claridad»



Padre Leonir acompañado de algunos de los integrantes de la nueva Dirección General

capillas, las parroquias, las comunidades... esto fue lo que más me llamó la atención de los Scalabrinianos.

¿Qué méritos lo llevaron a ocupar el cargo de alta responsabilidad que hoy preside?

Más que méritos yo creo que fue el siempre haber aceptado con mucha disponibilidad lo que la Congregación me pidió, recuerdo que llegué a Bahía Blanca y se me dijo que la decisión del Consejo Provincial era que yo sustituyera al padre que estaba ahí como Delegado Diocesano de la arquidiócesis para la Pastoral de Migrantes; yo me quedé nueve meses aprendiendo del padre, pero sucedió que hubo una emergencia en Chile. El padre que se tenía que ir no se va y yo debo ir a Chile; entonces la fiesta de despedida que se le iba a hacer al padre Hildo Gris, me la hicieron a mí.

Chile, una estancia providencial

“En mi llegada a Chile se estaba dando el gran boom de la migración peruana, la Conferencia Episcopal estaba reestructurando su trabajo con refugiados con el programa de retornados. Estaba la estructura, pero no había un proyecto específico, no estaba definido; en esa época llegó una religiosa que había trabajado en la Pastoral Social de la Conferencia Episcopal Peruana y empezamos a crear programas de atención a migrantes”.

En ese periodo, junto a un grupo misionero de jóvenes muy activos se realizaron visitas a 7 mil familias; una misión, con cuestionario en mano, para conocer los problemas y sus posibles soluciones. “La principal necesidad era que la gente no tenía trabajo, que eran estafados y hasta hoy sigue esa problemática en Chile. Las personas nos plantearon que la solución era una Bolsa de Empleo y así lo hicimos; entonces el sacerdote que estaba ahí se interesó por mi capacidad organizativa y me pidió que asumiera la comisión de la Conferencia Episcopal. Yo tenía tres años de

sacerdocio y ya estaba a cargo de esta comisión en Chile”.

Fueron nueve años al frente con esta Bolsa de Empleo y logró, con su equipo, conseguir trabajo a 30 mil migrantes que tramitaron sus visas, “para lograr todo esto fundamos una ONG, una Fundación para Migrantes. Yo tenía cincuenta roles, logré ser vicario provincial, pedí estudiar ciencias políticas y tenía muchas obligaciones, pero para lograrlo me focalicé en dos aspectos: primero dormía poco y me distribuí bien el tiempo en el día; me dedicaba en la mañana a la Conferencia Episcopal, delegando las funciones con trabajo en equipo”.

Fueron tiempos muy activos para el padre Leonir, quien los recuerda con mucha nostalgia porque “logramos muchas cosas”, dice; “por ejemplo, se creó la Hermandad Del Señor de Los Milagros que hoy es una gran organización en Chile, el Departamento Arquidiocesano de Pastoral de Migración, la Fundación Scalabrini, la ONG Scalabrini, el Centro Integral de Atención al Migrante. Se puede decir que fue un periodo de muchas iniciativas, por supuesto gracias a la colaboración muy cercana del Cardenal Francisco Javier Cardenal Errázuriz Ossa”.

“Mientras asesoraba la Comisión De Movilidad Humana del CELAM y como tenía la experiencia del trabajo con la ONU y la CEPAL, el Superior General de los Scalabrinianos, en el año 2005 cuando se hizo un congreso mundial por el centenario de la muerte del Fundador, decidió crear la SIMN; él me pidió que me encargara de toda la parte de *advocacy* (promoción) representando la Red ante Naciones Unidas en Ginebra y New York”.

Recuerda: “Fui a New York ocho meses para estudiar inglés y de allí tres años en Ginebra, en la SIMN, que fue constituida con tres sedes: Bruselas, Ginebra y New York. Durante esos tres años estuve a cargo de la sede de Bruselas y Ginebra; estaba dos semanas en cada país sede. Se decide concentrar más las operaciones; yo en esa época era más el encargado de promoción e incidencias y había otro Director de Desarrollo que estaba en New York, pero cuando hubo cambio de la Dirección General, ellos me piden que me haga cargo transfiriéndome a New York; desde entonces coordino desde ahí, pero sigo a cargo de la oficina de Ginebra, mientras que la de Bruselas la estamos reestructurando con oficinas regionales”.

En síntesis, como un accidente providencial fue su estancia en Chile, jamás imaginó que de Bahía Blanca se marcharía y es muy claro al afirmar que “más que un mérito, fue estar siempre atento a los signos de Dios y de la vida y decir: sí, aquí estoy y me pongo a disposición”.

¿Qué ha sido lo más difícil en la toma de decisiones y cómo hace para lidiar con personajes tan difíciles como Donald Trump?

Las mayores dificultades son dos: una es interna de la misma Congregación, porque si uno mira las exigencias y los desafíos de la migración, uno quisiera tener una velocidad determinada y no siempre se puede ir a esa velocidad; entonces surge la dificultad de dar respuestas adecuadas como institución, pero al mismo tiempo ir con la institución a la velocidad de esta y, en segundo lugar, las dificultades externas del contexto hostil de la migración, pues vivimos un periodo donde la migración es el nuevo divisor de aguas político; en el Brexit (separación de Inglaterra de la Unión Europea) el elemento clave fue que Inglaterra estaba siendo invadida por migrantes... Esta postura se vendió muy fuerte y eso fue lo que vendió Trump al decir que hay que hacer a América grande de nuevo y los migrantes la están echando a perder. Hay un ambiente muy hostil para los que trabajamos con migrantes, es uno de los momentos más difíciles porque hay muchas resistencias. Estamos viviendo un momento antimigratorio muy difícil y la idea entonces es no reaccionar contra ellos, sino plantear ideas distintas.

Quienes hayan presenciado alguna ponencia o disertación del padre Chiarello, descubren en él un mundo de conocimientos al alcance de todos, es enjundioso en el discurso, no guarda nada para sí todo lo comparte.

Toda esa gama de saberes acumulados (sabiduría) la contrasta con la del hombre común, sencillo, que coloca su celular en el bolsillo de la camisa y hace buenos chistes, sin preocuparse de poses o protocolos, aun cuando su vida entera sea un reloj suizo. Es una vida de servicios, la cual quisiera acompañar aún más al ritmo de los tiempos y las necesidades que muchas veces la institucionalidad y burocracia ralentizan. Por supuesto es el consejero y consultor no sólo de la ONU, sino también de sus hermanos y sobrinos.

¿Cuál es su filosofía de vida?

Todos somos migrantes en este mundo; miremos el modelo de migrante que es Jesús, que migró del Padre

hacia la humanidad para mostrar el camino. Mi filosofía es que en cada migración Dios nos da una misión y si uno descubre esa misión este proceso se hace más sereno, con mayor claridad.

¿Quién es usted?

Soy una persona bendecida por Dios, consciente de que tengo limitaciones y, como dice el Papa Francisco, me doy cuenta que soy un pecador, que no tengo méritos; pero al mismo tiempo cuento con las cualidades que Dios me dio y con las luces que me da para ser fiel a Su voluntad.

¿Qué lo hace feliz?

Cada vez que tengo claro lo que Dios quiere de mi vida y cuando logro responder a eso.

¿Cómo es el hombre familiar cuando se reúne con su familia?

En mi familia me ven como la referencia para ellos en muchos temas; me consultan, incluso mis hermanos en sus negocios y mis hermanas que son profesoras universitarias y yo me siento muy bendecido por la familia que tengo y me siento muy feliz cuando voy a visitarlos.

¿Qué falta por hacer?

Hay muchos aspectos del mundo que necesitan cambios y, como decía el filósofo Sócrates y lo repite el Papa Francisco, si uno quiere cambiar el mundo, primero hay que cambiarse a sí mismo; yo percibo que si yo cambio y puedo dar testimonio de lo que creo, puedo cambiar muchos aspectos. Lo que hace falta hoy en el mundo de las migraciones, es desarrollar una perspectiva humanística distinta, donde pueda haber un desarrollo integral, como lo propone el Papa en el nuevo Dicasterio, donde los migrantes puedan salir de su país como una opción, no como una obligación y que tengan garantizados sus derechos. En este sentido sí hace falta mucho trabajo para abandonar la lógica de que la economía tiene la última palabra y que bajo esa lógica se crea la industria de las armas, de la guerra, de los conflictos y de la concentración de las riquezas, dando como resultado esas grandes inequidades sociales.*

* revistasumaq.wixsite.com 28-11-17

P. Redovino Rizzardo, c.s.



San Carlos Borromeo

En el marco de los 130 años de la Congregación Misioneros de San Carlos – Scalabrinianos, la provincia San Carlos Borromeo ha publicado la edición en español de la biografía del patrono de la Congregación, escrita por el padre Redovino Rizzardo, c.s., quien dedicó gran parte de su tiempo e inspiración para llevar a término este interesante libro, que nos lleva a conocer de cerca la vida ejemplar de san Carlos.

**El libro se encuentra a disposición
en la sede de la revista Acontecer Migratorio, en Bogotá
Teléfono: (57 1) 791 4773**